



UM LIVRO PRA GENTE MORAR

seleção e organização *Silvia Oberg*
ilustrações *Daniel Cabral*



SINOPSE

Um livro pra gente morar é uma antologia de poemas para crianças com a presença de importantes poetas brasileiros, como Paulo Leminski, Ricardo Azevedo, Roseana Murray, Sylvia Orthof, Ferreira Gullar, Henriqueta Lisboa, entre outros. A ideia da casa percorre essa seleção primorosa. Formas geométricas compõem as ilustrações de Daniel Cabral, contextualizando o conceito de que palavras também são casas onde moramos.

A ORGANIZADORA

Silvia Oberg nasceu em Bauru, São Paulo. Trabalhou na Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato pesquisando e desenvolvendo projetos na área de leitura e literatura para crianças e jovens. Também é professora e atua em diversos espaços dedicados à literatura e à formação de mediadores de leitura. Já foi curadora, autora e adaptadora de coleções da *Folha de S. Paulo (Folclore brasileiro para crianças; Minhas primeiras bibliotecas; Histórias de reis, príncipes e princesas)*. Como autora, publicou *Pé na lua, pé na rua* (Edições Paulina) e *O presente de Manzanabá e outras aventuras* (Sesi Editora).

O ILUSTRADOR

Daniel Cabral passou a infância em Ribeirão Preto, interior de São Paulo. É ilustrador há mais de 20 anos e na maior parte desse tempo dedicou seu trabalho ao público infantil. Em 2010, seu livro de imagens *Arapuca* foi finalista do Prêmio Jabuti na categoria Ilustração de Livro Infantil e Juvenil.

QUE TAL UMA SEGUNDA CAPA?

Perceba que a capa da proposta de leitura é diferente da capa original do livro. Você pode produzir uma atividade de recriação da capa do livro. Questione se a nova capa proposta neste projeto de leitura seria adequada.

- Selo Distinção Cátedra Unesco de Leitura, 2018
- Finalista do Prêmio Nami Concours, 2018

Propostas de Leitura

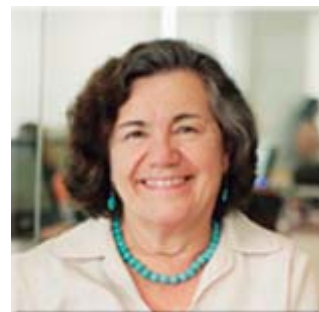
Gerente Editorial: Júlio Röcker Neto
Editora de literatura: Cristiane Mateus
Estagiária: Larissa do Nascimento
Thaynara Dias da Silva

Projeto gráfico: Fabíola Castellar
Diagramação: Studio Layout
Revisão: Mariana Bordignon Strachulski

Todos os direitos reservados à
Editora Positivo Ltda.
Rua Major Heitor Guimarães, 174
80440-120 — Curitiba — PR
Site: www.editorapositivo.com.br

FORMAÇÃO DO LEITOR

Convidamos Marta Morais da Costa para escrever um texto abordando a metodologia utilizada nos projetos de leitura disponíveis para todos os livros de literatura do catálogo da Editora Positivo.



A PRESENÇA VITAL DA LITERATURA EM SALA DE AULA


Meus primeiros anos de profissão foram um tempo de forte pressão. Juntamente com noções teóricas e alta taxa de entusiasmo, fui para a sala de aula disposta a fazer tudo diferente do que alguns de meus professores não conseguiram fazer. Eu via nos meus alunos uma dose de expectativa de boas aulas e de aprendizagem significativa. Na sala dos professores, recebia a ducha fria daqueles que já haviam sido derrotados e confessavam abertamente sua desilusão com a carreira. Até hoje me lembro de algumas frases pouco animadoras sobre o magistério: não as esqueci, mas também não as adotei. Resolvi abrir caminho contra as amarguras e em prol de meus alunos. E foi na leitura e na literatura que aprendi a lidar com a pressão, com a desilusão e com o entusiasmo. Por isso, hoje não hesito em propor aos colegas de magistério um caminho que lhes assegure o quanto vale a pena trazer para a profissão e, principalmente, para os alunos que nos rodeiam, textos que tratam das lutas humanas, das esperanças e dos conflitos que amadurecem personagens e leitores. É um pouco dessa experiência e dessa crença na leitura que orienta este texto que fala da vida, da experiência vital com a literatura. Vital para o professor, para os alunos e para a educação.

A FORMAÇÃO DE LEITORES

Nessa contribuição do tempo e dos escritos a respeito de leitura, aparecem algumas ideias geradoras que foram

“ Por isso, hoje não hesito em propor aos colegas de magistério um caminho que lhes assegure o quanto vale a pena trazer para a profissão e, principalmente, para os alunos que nos rodeiam, textos que tratam das lutas humanas, das esperanças e dos conflitos que amadurecem personagens e leitores. ”





sedimentando o trabalho em sala de aula, trazendo novas reflexões e práticas voltadas à formação de novos leitores. Entre essas contribuições estão:

- a leitura é um trabalho progressivo, atemporal e contínuo;
- a alfabetização é o primeiro e indispensável estágio para o desenvolvimento e a maturação de um leitor;
- os textos a serem lidos estão em vários suportes (livros, revistas, cartazes, folhetos, filmes, letras de canções, telas digitais e muitos outros);
- a compreensão dos escritos pressupõe conhecimentos já adquiridos, somados a conhecimentos que se fazem no momento da leitura e permitem atribuir significados ao que se lê;
- a interpretação dos textos requer amplitude de conhecimentos de muitas áreas, que vão além da língua em que o texto se apresenta, como a história pessoal e coletiva, a cultura, a sociologia, a psicologia, a geografia, as artes e outras, que o próprio texto a ser interpretado propõe;
- a literatura é um texto verbal que provoca o leitor para exercer as mais diferentes habilidades leitoras: sensibilidade à estética das palavras, exercício do imaginário, desejo de ficcionalização, crença e crítica de personagens-situações-ações-inter-relações, compreensão da alma humana, entre outras;
- a leitura de obras desafiadoras incentiva e amadurece a reflexão e o pensamento crítico.

Esses princípios salientados podem – e devem – orientar a formação de leitores para o ingresso mais legítimo e adequado na cultura escrita. Afinal, um dos objetivos da escola é ensinar a ler e a escrever. Na sociedade complexa atual, em que textos se multiplicam infinitamente, o processo de ler e escrever tem que passar por modernização e aproximação com a realidade cultural. Há algumas décadas, os alunos aprendiam a ler para dar conta de funções elementares: rótulos, linhas de ônibus, endereços, notícias de jornais impressos, manuais simples de utilização. Tinham dificuldades para ler bulas de remédios, contratos, artigos científicos, narrativas literárias em ordem não cronológica, instruções de uso de novas tecnologias. Esse descolamento da evolução da vida cotidiana produziu reações negativas às funções da leitura. Não era raro as crianças abandonarem os estudos, carregarem para a vida adulta um estado de analfabetismo funcional e a exclusão da cultura escrita mais desafiadora, mais refinada, mais civilizada.

“ A leitura de obras desafiadoras incentiva e amadurece a reflexão e o pensamento crítico. ”

As pesquisas que investigam histórias de leitores demonstram, bem e com frequência, a qualidade extraordinária que a capacidade de ler e de refletir traz para a melhoria de vida das pessoas. Pessoas que viveram momentos de grande dificuldade, mas perseveraram na busca de formação pessoal – lastimavelmente, às vezes, em oposição à escola formal. Entre professores, é frequente encontrarmos pessoas que declaram o quanto foi difícil sua caminhada entre livros e aprendizagens.

Temos, na atualidade, condições de evitar essas dificuldades futuras de nossos alunos. A leitura por si só não tem o poder de alterar a sociedade, mas tem excelentes condições para transformar o modo como as pessoas entendem a realidade e compreendem as relações humanas. Se acreditarmos nesse poder da leitura, todo investimento pedagógico para construir e formar leitores será recompensado. É com esse objetivo em mente que as orientações e reflexões aqui apresentadas se desenvolvem.

DE QUAL LITERATURA ESTAMOS TRATANDO?


Ana Maria Machado, além de escritora premiada inúmeras vezes, também tem obras dedicadas a refletir sobre leitura e literatura. Em uma delas, *Silenciosa algazarra* (2011), ao tratar da inter-relação entre textos – a denominada “intertextualidade” –, a autora contrapõe dois tipos de livro. O primeiro, que ela qualifica como “apenas livrinhos para crianças”, apresenta as seguintes características: “sedutores e coloridos, a ensinar a escovar os dentes antes de dormir, olhar para os lados ao atravessar a rua, ou a descrever como um dinossauro antropomorfizado ou um bebê ursinho obedece a seus pais.” (p. 91).

A partir dessa descrição, é fácil reconhecer essa categoria de livros que povoa as estantes de livrarias, de escolas, de bibliotecas, os *sites* de compras *on-line*, as bancas de revistas, os estandes de venda de livros em congressos e feiras e outros locais de venda ou empréstimos de livros. Ilustrações gigantes, formatos de bichos, frutas ou casas, poucas palavras, narrativa primária e, acima de tudo, a presença da ilusão de que se a criança gosta se tornará leitora para sempre. É material destinado à venda – muitas vezes em promoções vantajosas – e sem compromisso com a literatura como inovação, criação e ato de conhecimento e de reflexão.

Quantas vezes escolas e professores apresentam às crianças esse material de propósitos moralizadores disfarçado de historinhas e figurinhas? Assim mesmo no

“ Quantas vezes escolas e professores apresentam às crianças esse material de propósitos moralizadores disfarçado de historinhas e figurinhas? ”





diminutivo. Sua narrativa é de fácil compreensão (por exemplo, personagens que têm nomes e corpos diferentes, mas fazem sempre ações iguais e com finais felizes), palavras e frases rasas e simplificadas e, lá no final, sempre, sempre, a vitória da virtude e o castigo da maldade. Virtude e maldade tratadas de modo superficial, que é para não complicar ou melindrar a sensibilidade dos leitores. Essa literatura comportada e padronizada não tem a ver com o que lemos nos livros que proclamam as qualidades positivas da literatura para formar cidadãos, pessoas autônomas e espírito crítico. São textos para passar o tempo e para vender aos montões.

O segundo tipo de livro, segundo Ana Maria Machado, é de uma “narrativa digna desse nome, com conflitos, antagonismos, crises, personagens de alguma complexidade, com um trabalho de linguagem capaz de criar ambiguidades semânticas e estratégias de relato que deem margem a situações ricas em possibilidades de sentidos variados e a uma dinâmica de plurissignificação” (p. 91). O conceito de literatura passou ao longo da história a se definir por diferentes atributos, funções e objetivos. Na cultura ocidental contemporânea, há, ao menos, duas correntes bem distintas. Uma delas considera literatura tudo o que está escrito e publicado em forma de livro, sem que necessariamente passe pelo critério da arte. Desse modo, usam-se os termos “literatura jurídica”, “jornalismo literário”, “literatura médica”, “literatura didática”. A segunda corrente trata o termo “literatura” pela qualidade do uso artístico da língua em que está escrito o texto. O critério passa a ser, portanto, a língua com “possibilidades de sentidos variados” e “uma dinâmica de plurissignificação”, conforme qualificou Ana Maria Machado. Obedecendo a esses dois atributos, a linguagem literária é aquela que se apoia, mais do que a fala cotidiana, em sentidos plurais, em camadas de significados e na pluralidade das interpretações que esse uso pressupõe. As palavras da autora têm um sentido prefixado por teorias linguísticas que usam termos objetivos como “plurissignificação” e “sentido”. Não posso substituir o primeiro por “pluralismo” e o segundo por “sentido do olfato”, por exemplo.

Observemos o seguinte fragmento de uma narrativa de Ana Maria Machado: “A Perereca era parecida com os sapos da lagoa. Mas pequenininha, sapinha à-toa. Uma sapa sapeca. Moleca. Fulustreca. Pra lá e pra cá, de pulo em pulo, de pinote em pinote. Como bola de papel quando leva piparote” (*A Jararaca, a Perereca e a Tiririca*). Temos aqui um personagem humanizado, antro-


pomorfizado, mas que não perde a ligação com a realidade: comporta-se como sapo, próximo à água, saltando. Temos sonoridades repetidas – formando rimas, mesmo que o texto seja em prosa. Temos a comparação com a bola, motivada pelos pulos da perereca. Temos características pouco precisas: o que é ser moleca? Há uma mistura de registros da língua: o convencional (perereca, sapos, lagoa, papel) e a linguagem oral (sapinha à-toa, fulustreca, pra, piparote). Essa mistura provoca o diferente, o humor, a leveza do texto infantil. A narrativa em sua totalidade vai tratar de solidariedade, aventuras, papéis assumidos, valorização dos bichos de tamanho pequeno (personagens iguais aos pequenos leitores) e que vencem seus obstáculos, mudam seus destinos. Isso significa: a narrativa expande seus significados, entra na vida dos leitores criando semelhanças e diferenças, provocando reflexões. A linguagem brinca com o leitor a partir de brincadeiras com ela mesma, por meio de sonoridades, termos diferentes e engraçados, frases simples e curtas que chegam diretamente aos leitores. Há uma leveza do texto que indica, pela própria linguagem, que a autora se preocupou em escrever pensando em seus leitores reais e usando para essa comunicação os recursos existentes na língua, mas organizados em forma inovadora.

A LEITURA DA LITERATURA EM SALA DE AULA

Por isso, ao trazer textos literários para a sala de aula e para dentro de uma pedagogia da literatura, os professores estarão proporcionando a seus alunos essas vivências linguísticas, essas realidades imaginárias, essa comunicação via sentidos, sensações e identificações. Trata-se de promover o encontro da criança leitora com histórias e, ao mesmo tempo, com a sua própria história. Principalmente as crianças, costumam ler a realidade apenas a partir de seu umbigo, de forma autocentrada. O mesmo procedimento aplica-se aos textos literários. Aos poucos e à medida que o trabalho com literatura se intensifica e se diversifica (pela variedade dos textos lidos), a criança leitora passa a viver em outros personagens, passa a lidar com outras realidades, espaços, culturas e tempos. Esse crescimento só é possível se a leitura da literatura não ficar restrita ao mesmo gênero literário (apenas narrativas, apenas poemas, apenas aventuras, etc.) e houver a conversa sobre livros, as rodas de interpretação, as atividades criativas, a expressão pessoal e voluntária dos leitores, o entusiasmo pela aprendizagem por meio do lúdico e do imaginário.

“Esse crescimento só é possível se a leitura da literatura não ficar restrita ao mesmo gênero literário (apenas narrativas, apenas poemas, apenas aventuras, etc.) e houver a conversa sobre livros, as rodas de interpretação, as atividades criativas, a expressão pessoal e voluntária dos leitores, o entusiasmo pela aprendizagem por meio do lúdico e do imaginário.”





A dinâmica da vida contemporânea exige que a escola e seus rituais de ensino e de aprendizagem acompanhem esse movimento, esse mudar constantemente de práticas, principalmente para buscar a aproximação de conteúdos e áreas de conhecimento às necessidades e expectativas das crianças. Cumpre lembrar sempre que a escola ocupa uma parte considerável do tempo de vida diária das crianças. Tornar intensas essas horas com aprendizagens efetivas e significativas deveria ser o objetivo mais relevante do trabalho pedagógico. Com a intenção de acompanhar o professor em seu professor diário, elaboramos algumas reflexões para o trabalho com a literatura, divididas em três períodos: preparação, desenvolvimento e conclusão, aqui denominados segundo o tempo da prática em que se desenvolvem – antes, durante e depois da leitura.

Ler é um ato múltiplo porque pede ações diversificadas e porque chega a resultados variados e, muitas vezes, imprevisíveis. Esse pressuposto faz com que encaremos a formação de leitores como uma dinâmica incontrolável e riquíssima. No entanto, para que possamos realizar um trabalho digno e eficaz, podemos aproveitar experiências que já demonstraram resultados positivos. A experiência docente de cada professor será sempre um elemento considerável para a aplicação de atividades que visam a essa formação. Nas sugestões oferecidas, os professores devem sempre considerar tudo o que conhecem a respeito de seus alunos e do modo como aprendem. Portanto, a orientação que aqui é oferecida tem um caráter genérico que precisa sempre da colaboração e da adequação dos professores em sua história como leitores e como mediadores.

“
No entanto, para que possamos realizar um trabalho digno e eficaz, podemos aproveitar experiências que já demonstraram resultados positivos. A experiência docente de cada professor será sempre um elemento considerável para a aplicação de atividades que visam a essa formação.

A CONSTRUÇÃO DA LEITURA E POSSÍVEIS ETAPAS

A preparação visa apresentar de modo indireto, mas estabelecendo relações de assunto, estético ou formal, o texto literário a ser lido. É possível ler qualquer texto sem preparação formal, sem informações iniciais. No entanto, essa primeira abordagem vai enriquecer a leitura posterior, conferindo-lhe densidade e linhas mais seguras de compreensão. A literatura em geral pode ser lida, mesmo que não conheçamos o autor, o gênero textual, a língua em que o texto foi escrito (podemos ler em uma tradução) e o conteúdo. Os leitores em nível inicial de formação para a leitura precisam de orientação mais ampla e que os aproxime positivamente do texto. Por isso, os

professores podem trazer para sua aula elementos, materiais e informações relacionados com o texto a ser lido posteriormente, a fim de que os alunos possam aproximar-se de seu conteúdo com melhores condições de compreensão e análise.

A preparação também abre a sensibilidade do imaginário para apreender a poesia do texto, sua beleza como literatura, suas ideias e as imagens (visuais, emotivas, de leituras anteriores) que necessariamente tornarão o livro mais significativo, isto é, mais próximo à vivência dos estudantes.

A preparação não pode ser apenas um momento formal de informações biográficas ou históricas sobre o autor ou o livro. Ela é, antes de tudo, um tempo de averiguação prévia sobre as expectativas dos leitores, sobre seus conhecimentos prévios, sobre um modo de ver e entender o mundo e a realidade. O texto literário que virá a seguir poderá confirmar essas posições, ou alterá-las, nesse último caso, fazendo com que a maturidade leitora cresça.

Alguns procedimentos podem auxiliar os mediadores a apresentar previamente o texto literário, objeto central do trabalho com a leitura. Por exemplo, escolher um dos temas propostos pela obra literária (a amizade, a solidariedade, a compaixão, a paz, a diversidade cultural, etc.) e acrescentar fotos, filmes, recortes de jornal, um texto literário curto – como um poema, desenhos, historietas, piadas, canções, textos publicitários, folhetos. Ou, ainda, comparar os textos entre si e anotar as respostas. O diálogo perguntas-respostas pode ser feito em formato de roda, em divisão em grupos, em formato de entrevistas, como no rádio ou na televisão.

É possível também informar sobre o autor, sua obra total, narrar outros textos, fazer pesquisa na internet, construir uma biografia imaginária (como esse autor pode ter começado a ler e a gostar de literatura, por exemplo). Lembrar sempre que a relação autor-obra não é determinante em um texto literário: muitas vezes, o autor escreve com o imaginário, e não com a sua biografia.

Muitas outras atividades podem ser realizadas nessa fase: os professores e mediadores conhecem melhor seus alunos e as experiências de sala de aula exitosas e sabem como apresentar os livros de literatura de forma mais eficiente.

As orientações para a leitura efetiva do volume supõem a leitura em voz alta (fundamental para a fase iniciante e a fase medial da formação) ou a leitura silenciosa, que

“ A preparação também abre a sensibilidade do imaginário para apreender a poesia do texto, sua beleza como literatura, suas ideias e as imagens (visuais, emotivas, de leituras anteriores) que necessariamente tornarão o livro mais significativo, isto é, mais próximo à vivência dos estudantes. ”





“

A essência literária trabalha com a beleza das palavras e com as emoções. A voz humana tem condições de realçar essas qualidades.

”

pode ser realizada por leitores com alguma autonomia, tanto de decodificação da língua escrita como de atribuição de sentidos ao texto. Recomenda-se que a leitura em voz alta seja feita de uma só vez, em especial para textos curtos. A atitude de interromper a leitura para comentários, observações sobre ilustração ou perguntas aos alunos quebra a unidade do texto, corta o possível envolvimento dos alunos com a narrativa ou o poema e prejudica a visão unitária e sequencial do texto. Essas ações podem ser efetivadas em uma segunda leitura em voz alta, quando os alunos já têm a visão total do livro e podem emitir relações mais pertinentes.

A leitura em voz alta requer alguns cuidados para que atinja o objetivo previsto de apresentar de forma estimulante o texto literário. Nem sempre a formação profissional dos professores prepara adequadamente para essa atividade por supor que traduzir letras em sons está na natureza automática do processo de alfabetização e na prática diária de nossas leituras de textos escritos. Sabemos todos que não é bem assim que funciona a leitura em voz alta de textos literários. A essência literária trabalha com a beleza das palavras e com as emoções. A voz humana tem condições de realçar essas qualidades. Porém, sem preparação adequada, sem a compreensão dos sentidos que queremos acentuar no texto que lemos, a leitura em voz alta poderá ser pouco eficaz e pouco atraente. Pode até mesmo criar o desencanto com a história ou o poema. A recomendação é que os professores preparem a leitura, isto é, que façam com antecedência uma prévia da leitura oral, tal como se planeja uma aula. Algumas perguntas podem orientar essa preparação: Que aspectos quero enfatizar? Que partes da história ou do poema quero ressaltar? Como farei isso? (Somente a voz? O gesto? O olhar? Mostrarei as imagens? Todo esse conjunto simultaneamente?) Que atitudes tomarei? (Lerei em pé? Em que posição na sala? E os alunos, como estarão? Deixarei a sala às claras ou à meia-luz?) Usarei diferentes vozes para os diferentes personagens? Não há previamente atitudes ou decisões corretas. Dependerá muito da qualidade da intervenção do professor e das características da turma. O importante é que a leitura não pareça artificial, mas sim com uma conversa bem conduzida.

Decididas essas pequenas questões, os professores precisam cuidar de sua dicção, pronunciar com clareza, mas com naturalidade, as palavras. Lembrar que os ouvintes dependem de sua voz para conhecer a história ou o poema. Eles poderão ser encantados pela leitura, compreender melhor as palavras pela condução da voz, descobrir


nuances de personagens e ações que não perceberiam na leitura silenciosa e individual. Relatos de leitores dão conta com frequência de como, em sua infância, foi importante a leitura em voz alta. Pelo acalanto da voz, pela proximidade afetiva, pela presença viva de um narrador. Creio que os professores precisam redescobrir essa técnica milenar. Convém lembrar que sociedades analfabetas cultivaram a literatura oral para sua perpetuação cultural, para seu prazer, para desenvolver o imaginário coletivo. Nas sociedades letradas, trata-se de um recurso extraordinário para atrair leitores, para lhes mostrar as funções psíquicas, culturais, sociais e estéticas da literatura.

Após a leitura, coletiva ou individual, é o momento da leitura compartilhada, em que, por meio de atividades diversas e em especial pelo diálogo com os alunos, vão surgindo a compreensão e a interpretação. Convém lembrar que a compreensão e a interpretação implicam a relação entre as palavras literárias e os sentidos que os leitores vão construindo pouco a pouco. Os alunos vão atribuir sentidos significativos ao que leram. Por significativos, entendemos a apropriação pessoal da leitura, trazendo o que foi compreendido para uma etapa de valores, apreendidos pelos alunos individualmente. Esse trajeto pode ser balizado por perguntas e respostas, por jogos e brincadeiras, por pesquisa, por textos criativos produzidos individualmente ou em grupo, por entrevistas, recortes, murais e tantos outros recursos pedagógicos. Indispensável e relevante é que os alunos tenham oportunidade de participar ativamente, expressando suas opiniões, relacionando, criticando e criando. A prática de fichas de leitura e de questionários caiu em desuso porque limitava a respostas únicas um texto que é plurissignificativo. Essa recusa está alicerçada em recentes teorias sobre o modo como as pessoas interpretam: há um estímulo que nasce da palavra, mas que só encontra seu significado em áreas mentais de conhecimento prévio e, no caso da literatura, nas experiências com o imaginário e com a história de leituras de uma determinada pessoa.

Por exemplo, uma narrativa ou um poema com a palavra “árvore” dá margem a diferentes imagens que têm a ver com a experiência pessoal do leitor (pode ser copada, seca, enorme, boa para subir, carregada de frutas, etc.). Mas tem também a ver com o modo como o leitor se relaciona com ela: uma criança da cidade ou que vive na área rural atribuirá às árvores valores diferentes. Também leituras anteriores interferem no modo como o leitor significa a palavra: pode lembrar uma ilustração de livro que viu e de que gostou, pode lembrar as árvores das

“ Os alunos vão atribuir sentidos significativos ao que leram. Por significativos, entendemos a apropriação pessoal da leitura, trazendo o que foi compreendido para uma etapa de valores, apreendidos pelos alunos individualmente. ”





virtudes, a árvore que dava dinheiro, as árvores de um desenho animado, a árvore em que se escondia a princesa do conto A moura torta e assim por diante. Toda essa riqueza pode – e deve – ser explorada pelos mediadores de leitura. E confirma a plurissignificação como elemento característico e definidor do texto literário.

Na mesma linha de multiplicação, atividades que contribuem para expandir a leitura para outras linguagens artísticas podem surgir das oportunidades oferecidas aos leitores de recriarem, em outras linguagens, o que conseguiram interpretar no texto lido. Assim, atividades que levem à produção de cenas teatrais, canções, desenhos, fotos, ilustrações, danças, esculturas, quadrinhos e outras manifestações significam uma tradução em outras linguagens e mobilizam os leitores.

Um dos resultados dessas atividades será, sem dúvida, a transformação do texto literário em algo presente e vivo na vida dos leitores. Provavelmente o objetivo mais desejado do trabalho com a literatura em sala de aula.

Marta Morais da Costa é escritora, contadora de histórias e professora aposentada de literatura da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Entre os diversos livros e artigos de sua autoria, publicou “Mapa do Mundo: crônicas sobre leitura”; “Sempreviva, a leitura”; e “Metodologia do ensino de literatura infantil”, obra singular que enfrenta os principais problemas encontrados por professores das séries iniciais para a formação de leitores em literatura.

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

- ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. 8. ed. rev. e atual. São Paulo: Artmed, 2005.

É uma obra imprescindível para o trabalho com a formação de leitores. Traz uma exposição minuciosa sobre a formação de significados, os processos de leitura, os modos de ler, as etapas de formação de leitores competentes. São muitos exemplos que podem auxiliar o professor no desenvolvimento de suas práticas pedagógicas.

- ANDRUETTO, María Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

Artigos curtos sobre a definição de literatura para crianças, sobre a importância de ler, sobre exclusão e inclusão na leitura, sobre o narrador na literatura. São reflexões atuais e apresentadas em uma linguagem poética e atraente.

- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

O livro trata das relações entre literatura e escola. Expõe dados teóricos e práticos sobre os conflitos vividos em sala de aula para a formação de leitores de literatura. Questiona e promove a reflexão sobre práticas usuais e sobre o ensino de leitura na escola.

- MACHADO, Ana Maria. *Silenciosa algazarra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Uma coletânea de palestras da autora que abordam os mais diferentes aspectos

da leitura da literatura. Há textos sobre o estágio de leitura no Brasil, sobre histórias de leitores, sobre a intertextualidade, sobre a formação de leitores e as bibliotecas.

- YUNES, Eliana. *Professor leitor*. Curitiba: Hum Edições, 2016. (Coleção Mediações).

O texto expõe práticas inovadoras com a leitura em sala de aula, apresenta formulações teóricas sobre essas práticas e considera o modo como os leitores constroem os sentidos e compartilham suas experiências com os colegas.

- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003.

A autora constrói sinteticamente a história da literatura infantil no Brasil, analisa obras, discute a importância de autores, em especial Monteiro Lobato. A trajetória dos capítulos parte dos pioneiros e chega até a contemporaneidade.



TRABALHANDO COM A LEITURA

ANTES DA LEITURA

1. Mostre à turma a capa da obra e os elementos paratextuais que a acompanham. Faça perguntas como: O que vocês esperam encontrar neste livro? O título *Um livro pra gente morar* parece estranho? Por quê? Você conhece alguém que mora dentro de um livro? Como seria essa pessoa?
2. Mostre o interior do livro sem ler os poemas. Provavelmente, os alunos estão acostumados com a leitura de narrativas. Um poema, embora não seja um gênero literário novo, traz uma apresentação estética diferente. Essa comparação pode fornecer base para o trabalho, pois a forma do poema (em estrofes e versos) prepara para a leitura competente do gênero. Ajude os alunos a notar que são mais curtos, deixando mais espaço na página, entre outras características.
3. Depois disso, comente que os poemas são de autores diferentes e conte um pouco sobre a seleção e a organização de Silvia Oberg (na página 7, a pesquisadora escreveu sobre isso) e sobre as ilustrações de Daniel Cabral.
4. Todas essas informações são relevantes para preparar a “delicadeza do olhar” para a poesia. E a casa é um símbolo perfeito para promover isso! Ela estabelece laços e afetos, promove o cuidado uns com os outros, o que nos torna mais humanos, revela as nossas experiências e também a impressão dos outros. Respirar isso é o que esse livro quer de seus leitores!
5. Outra questão que se coloca em evidência quando se trabalha com poesia é a pluralidade de sentidos que adquire uma palavra, que podem ser complementares ou ambíguos. A palavra “casa” é extremamente metafórica, pois sugere muitas interpretações que dependem, além das circunstâncias culturais e históricas, da subjetividade de cada um. Ter isso em vista e ouvir os leitores desse livro quanto às suas interpretações torna a leitura envolta em mais vozes e mais rica.



DURANTE A LEITURA

1. Para esse livro, foram selecionados poemas bastante diversificados, que, no que tange à estrutura, fazem uso da rima ou não. A proposta de leitura envolve crianças que estão em desenvolvimento da consciência fonológica. Para isso, brincar com a rima é fundamental para que se aproximem ainda mais da cultura letrada.
2. A rima é uma característica do poema percebida em duas frentes: pela coincidência no uso dos grafemas e pela igualdade no uso dos fonemas. Nem sempre essas duas frentes aparecem ao mesmo tempo.

Há vários poemas de *Um livro pra gente morar* que trazem rimas bem clássicas. O trabalho inicial com os leitores deve ser a exploração da rima no final do poema. Os alunos podem pintar a rima procurando as letras iguais. Se o exercício não puder ser concluído, não há problemas, pois o objetivo é oportunizar o descobrimento de outros tipos de rima com os pequenos leitores.

3. Um trabalho que envolve leitura e produção escrita pode ser feito a partir do poema *A casa e seu dono*, de Elias José (página 15). Nesse poema, autor inicia o primeiro verso de todas as estrofe da mesma forma (“Essa casa é...”) e o segundo verso acompanha a continuidade (“quem mora nela é...”). A estrofe final modifica a estrutura ao apontar uma conclusão do eu lírico: “E descobri de repente/que não falei em casa de gente”.

A igualdade dos versos é o disparador para realizar uma atividade de escrita com os leitores que será uma continuidade do poema. Entre as condições de produção estará se apropriar do mesmo modelo que o autor sugere com o nome dos alunos. Portanto, cada aluno deve criar pensando sobre o modelo, mas colocando seu nome e suas ideias em uma estrofe autoral.

4. O poema *Casa*, de José Paulo Paes (páginas 11 e 12), traz uma segmentação de ideias marcada pelo dentro/fora. O projeto gráfico do livro acompanha essa ideia deixando a primeira parte do poema em uma página e a outra parte em outra página.

A primeira parte é voltada para o dentro, que significa ver a casa em seus limites. Isso é marcado pelo “não, pelo que tem fora (o céu) e pela chuva”. Todas essas palavras constituem um sentido cerceador da liberdade do eu lírico. Por outro lado, a segunda parte faz alusão à liberdade de estar fora de casa. Isso é marcado pelo modo de se referir ao quintal como espaço onde “ninguém me diz...”, para indicar preguiça, que é o oposto do que a casa representaria: a opressão, as obrigações. O final do poema traz a ideia de que não é possível viver a “vida de quintal” e há, então, a volta para casa.

A sugestão de trabalho envolve a criação de desenhos inspirados pelas duas partes do poema. Para marcar bem essa diferença, disponibilizar cores que serão utilizadas pelos alunos é uma boa estratégia. Para a primeira parte: preto, cinza, azul-escuro e verde-escuro. Para a segunda parte: amarelo, laranja, vermelho, verde-claro e azul-claro.

5. O poema *O gato curioso*, de Ferreira Gullar (páginas 22 e 23), e *Dente de leite*, de Eloí Elizabet Bocheco (página 25), podem ser aproximados tendo em vista a evolução que permeia a estrutura. Isso significa que cada estrofe coloca uma continuidade na anterior, tornando o texto mais próximo de uma narrativa. Para trabalhar com isso, é preciso que os alunos leiam e depois releiam o poema para perceber as diferenças que vão adicionando “uma peça” na primeira estrofe. Portanto, nesses poemas, o trabalho com as relações é imprescindível.
6. Na página 26, o poema *Um cheiro gostoso* traz um desafio de interpretação para os alunos. Trata-se dos preciosos versos “logo me abraçava/o cheiro gostoso/de café com leite e pão de ló”. Isso revela muito sobre o ponto de vista do eu lírico, que é memorialístico ao lembrar a casa da avó.



Outro aspecto bem importante é o uso da sinestesia criada pela sensação de abraço (tato) e café com leite e pão de ló (olfato). O uso dessa figura de linguagem torna mais significativa a memória ao combinar a percepção de dois sentidos. Chamar a atenção dos leitores para esse aspecto é essencial para compreender a riqueza que a palavra pode adquirir na poesia.

7. O pequeno poema *Minha mãe dizia*, de Paulo Leminski (página 30), é elaborado a partir de uma cena em que a casa obedece à mãe do eu lírico. O uso do imperativo relaciona as partes da casa como um elemento mágico. Para que as crianças participem disso, é preciso uma boa entonação e performance para evidenciar a ordem sugestionada pelos versos: “ferve, água!/frita, ovo!/pinga, pia!”

O uso das palavras “água”, “ovo” e “pia” como sendo vocativos é o que marca o elemento mágico dos versos. São objetos inanimados que atuam de acordo com uma ordem expressa.

8. Os poemas *Coraçãozinho*, de Henriqueta Lisboa (página 33), e *O soluço*, de Fernando Paixão (página 29), usam a onomatopeia como um recurso a fim de comunicar uma ideia. Primeiramente, é preciso que o leitor se sinta incomodado com a onomatopeia, afinal, não é uma palavra de fácil leitura, mas sim uma palavra que representa o som das sensações, percepções e emoções. Portanto, novamente é preciso contar com a performance do educador no momento da leitura para que isso seja compreendido pelos alunos e interpretado de acordo com a representação e o significado do som.

9. O poema final, *Falando de livros*, de Roseana Murray (página 39), é uma celebração da fala de Monteiro Lobato, resgatada por Silvia Oberg na apresentação de *Um livro pra gente morar*. Lobato diz que um dia deseja fazer “livros onde as nossas crianças possam morar”.

Uma boa reflexão que cabe aqui é sobre os livros preferidos dos alunos. Em uma roda de conversa, eles podem trazer seus livros preferidos e mostrar aos colegas contando o que aquele livro tem de especial e por que moraria nele.

Além de exercitar o pensamento poético (morar em um livro), essa atividade pode ser uma situação enriquecedora para treinar a oralidade. Preparar uma pequena palestra sobre o livro é uma proposta educativa que envolve várias habilidades, tais como eleger sobre o que falará, organizar as informações, manter sua fala coerente e dar espaço para seus interlocutores.



DEPOIS DA LEITURA

1. Reproduza *Era uma casa muito engraçada*, de Vinicius de Moraes. Peça aos alunos que prestem atenção na letra. Questione-os sobre a possibilidade de existência da casa da música. Mostre uma imagem da Casapueblo (que fica no Uruguai). Vinicius de Moraes compôs a canção inspirado pelo trabalho arquitetônico de Carlos Vilaró, artista uruguaio e amigo do compositor.

Ouçam novamente a música e verifiquem se os versos podem fazer alusão à imagem da Casapueblo. O propósito desse exercício é colocar uma fagulha na construção de um leitor literário: mesmo que a inspiração seja real, o texto literário é sempre uma criação a partir disso.

2. Por fim, é importante fazer um trabalho de releitura e apreciação crítica depois da leitura dos poemas. Com as cores verde, amarela e vermelha, os alunos devem reler os poemas (dessa vez com autonomia) e colocar sua apreciação: usam o verde para indicar os de que gostaram muito; amarelo para os de que gostaram; e vermelho para os poemas de que gostaram pouco.

Depois, oriente a realização de um gráfico de acordo com a classificação dos leitores. Os poemas de que os alunos mais gostaram podem ser desenhados, musicados ou decorados para serem apresentados em um sarau.



Autoria das atividades: Equipe pedagógica da Editora Positivo



OBRAS INDICADAS PARA A COMPLEMENTAÇÃO DAS ATIVIDADES

- BARROS, Sônia. *Passeio no trem da poesia*. Curitiba: Positivo, 2016
Esse livro de poemas se divide em três partes: *Vagão da bicharada*, *Vagão da criançada* e *Vagão das palavras*. Os poemas, leves e singelos, jogam com as imagens e com a sonoridade dos versos. Por meio de um olhar sensível, Sônia Barros nos mostra o fascínio que a leitura pode provocar nos leitores.



- DILL, Luís. *Estações da poesia*. Curitiba: Positivo, 2010
Nessa pequena coleção de poemas, as estações do ano são homenageadas com uma boa dose de sensibilidade, humor e beleza. Tudo na brevidade e na precisão de um quase haicai, tipo de poema japonês que geralmente trata da natureza e das estações do ano, como é a intenção desse livro.

PROPOSTA DE LEITURA COLABORATIVA

Sua atividade e de seus alunos poderá ser realizada em muitas outras escolas que estão lendo o mesmo livro. Afinal de contas, o livro só se completa quando é lido e compartilhado. Boas atividades de literatura nada mais são do que a construção intencional de momentos em que é possível dividir diferentes impressões sobre uma mesma obra. Algumas atividades podem dar muito certo numa turma, em outras nem tanto. Por isso, fala-se em propostas que serão sempre mediadas e recriadas pelo professor.



CONTE COMO FOI!

Todos os anos essas propostas de leitura poderão ser atualizadas com atividades realizadas nas escolas. Mas para isso acontecer, é preciso que o professor entre em contato com a assessoria pedagógica.

CONTATOS

Equipe da assessoria pedagógica da Editora Positivo.
E-mail: propostasleitura@positivo.com.br

